



AAFETIVIDADE MEDIADA POR MEIO DA INTERAÇÃO NA WEBCONFERÊNCIA SÍNCRONA. RELEVÂNCIA PARA A PERMANÊNCIA DO ALUNO DO CURSO A DISTÂNCIA

OCHOA, Adriana Rivera

Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC)
adrisrioch@gmail.com

DOTTA, Silvia Cristina

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC)
silvia.dotta@ufabc.edu.br

867

RESUMO

O presente trabalho busca determinar a importância da afetividade no processo de ensino/aprendizagem, e nas relações professor/aluno e aluno/aluno. Sob a abordagem psicanalítica, a afetividade é vista como processo no qual o indivíduo que se sente amado constrói o seu eu, e descobre o prazer e o desejo de aprender. Sob a ótica piagetiana, ela se apresenta como fator fundamental, complementar e indissociável no desenvolvimento cognitivo do ser humano. Este trabalho visa analisar como a afetividade desenvolvida (ou não) e a interação entre os atores de um curso, na modalidade a distância, podem contribuir para uma melhor aprendizagem e na permanência do estudante em um curso a distância. O presente trabalho constitui parte de uma pesquisa em andamento como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Humanas e Sociais na UFABC. Analisou-se a bibliografia, e pretende-se realizar um análises das aulas via webconferência síncrona gravadas e fazer entrevistas com alunos, professores tutores e demais pessoas envolvidas nas mesmas.

Palavras-chave: Afetividade. Educação a Distancia. Webconferência.

ABSTRACT

This study aims to determine the importance of affectivity in the teaching / learning process, and in teacher / student and student / student relationships. Under the psychoanalytic approach, affectivity is seen as a process in which the individual feels loved it builds yourself and discover the pleasure and the desire to learn. Under the Piagetian perspective, it presents itself as a key factor, complementary and inseparable in the cognitive development of human beings. This work aims to analyze how the affection developed (or not) and the interaction between the actors of a course in distance mode can contribute to better learning and student residence in a distance learning course. This work is part of an ongoing research as a requirement for obtaining a master's degree in Humanities and Social Sciences in UFABC. Analyzed the literature, and we intend to conduct an analytical classes via synchronous web conferencing recorded and do interviews with students , tutors and other people involved in them.

Keywords: Affection. Distance Education. Web conferencing.



INTRODUÇÃO

Na virada do milênio, a sociedade vem sofrendo inúmeras transformações em diversos campos do conhecimento provocadas pela revolução técnico-científica (CASTELLS, 2003) nos apontando novos desafios em nossa forma de pensar, de conhecer e de aprender. Assim, a sociedade contemporânea vem registrando acelerada evolução no campo do conhecimento científico. Hoje, busca-se compreender o ser humano em sua totalidade. No contexto educacional, não se pode formar um aluno sem considerar seus aspectos físicos, psicológicos e sociais, como também sua interioridade afetiva e, portanto, as reais necessidades de alguém que tem sentimentos e desejos, necessitando destes anseios para sobreviver e se constituir plenamente.

Piaget (1998) demonstra que as estruturas do conhecimento estão em constante modificação passando por estágios de desequilíbrio e reequilíbrio para poder internalizar o conhecimento. Sendo assim, a criança necessita de vivência qualitativa que possibilite esse intercâmbio de experiências e informações, conferindo uma aprendizagem significativa.

Na psicogenética de Henri Wallon (1965) (1974) (1991) a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa assim como do conhecimento, como apontado a seguir:

A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira (LA TAILLE, DANTAS e OLIVEIRA, 1992, p. 90)

A Educação a Distância é uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino-aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2007)

Martins (2008) considera a EaD como uma modalidade alternativa de educação devido à crescente demanda e a necessidade de profissionais qualificados e ao fato de que o ensino presencial apresenta limitações de matrículas devido ao crescimento demográfico, segundo a autora, a EaD não deve ser pensada como um sistema fechado e sim como um marco de emancipação coletiva que oferece possibilidades inovadoras e influi em amplos setores da vida



do ser humano e precisa ser refletida como outras praticas sociais e políticas em diferentes contextos históricos, socioeconômicos e culturais.

A aula por webconferência síncrona oferece uma série de ferramentas para possibilitar a interação multidirecional, assim favorece o sentimento de empatia e faz com que a experiência nesse tipo de aula seja mais enriquecedora, mas também possui uma série de limitações em comparação com uma sala de aula convencional, podendo ser mais cansativa e menos variada em termos de estímulos sensoriais para o aluno. (DOTTA, 2014)

Neste sentido, a construção de um ambiente virtual de aprendizagem, precisa privilegiar o sentimento de pertencimento nos alunos, necessário a um contexto cooperativo e colaborativo, não só no sentido professor-aluno, mas também na interação entre os mesmos alunos. Este ambiente deve privilegiar um efetivo conhecimento entre estas pessoas, que resulte em desenvolvimento de afinidades, o que atenuará dificuldades inerentes à aprendizagem na modalidade a distância.

Para que a afetividade seja bem desenvolvida nos cursos EaD é necessário que o aluno se sinta acolhido pelo professor e tenha uma relação interpessoal bem estabelecida com seus colegas. A mediação eficiente em fóruns de discussões e chats, a abertura para compartilhamento de idéias e a presença virtual constante dos tutores e professores são algumas das ações que devem ser valorizadas para que a afetividade esteja presente nos cursos virtuais. (DOTTA, 2014)

Descobriu-se que a afetividade já foi bastante estudada e considerada como um dos fatores a ser desenvolvido nas relações aluno/professor e aluno/aluno, pois é através das interações sociais que se constrói a aprendizagem. Também se encontrou que a maioria dos estudos consultados discorrem da afetividade na educação tradicional, sobretudo no ensino básico. Ainda é escasso o material que fala da afetividade no ensino na modalidade a distância alguns estudos, como o de Alcalá (2012) estudaram as manifestações de afetividade mediante a comunicação escrita entre professores e alunos.

Tendo-se em vista tal cenário, acredita-se na necessidade de ampliar ditos estudos e nossa tarefa em este trabalho é a abordagem da afetividade na webconferência síncrona. No seguinte apartado desenvolveremos o conceito de afetividade na educação, pretende-se estudar bem esse conceito para assim poder perceber as manifestações (ou a ausência das mesmas) de afetividade isto com a finalidade de conhecermos até que ponto estas podem influenciar a permanência do aluno num curso a distância, em específico realizaremos análises das aulas via



webconferência síncrona com o intuito de estudar a interação entre professor/aluno, aluno/aluno e aluno/conteúdo.

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

Oliveira (1992) faz o análises das dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico, as quais têm sido tratadas de forma separada ao longo da historia da psicologia como ciência, para ela existe uma tendência à conjunção desses dois aspectos, o cognitivo e o afetivo, “numa tentativa de recomposição do ser psicológico completo”. (p.75) Nesta mesma ordem de idéias Ortiz, Fuentes e López (2004) percebem um interesse pelo desenvolvimento emocional, (antes esquecido devido à crença de que as emoções eram perturbadoras do raciocínio), impulsionado pelo enfoque funcionalista que enfatiza o papel adaptativo das emoções em todos os aspectos da atividade humana. (p.114)

Um autor de que tem muita importância em termos desta pesquisa é o psicólogo soviético Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) cuja formação multidisciplinar o levou a estudar a psicologia infantil e suas aplicações pedagógicas. A parte mais conhecida da extensa obra produzida por Vygotsky em seu curto tempo de vida converge para o tema da criação da cultura. Aos educadores interessa em particular os estudos sobre desenvolvimento intelectual. Vygotsky atribuía um papel preponderante às relações sociais nesse processo, tanto que a corrente pedagógica que se originou de seu pensamento é chamada de socioconstrutivismo ou sociointeracionismo.

Vygotsky (1998) explica que na psicologia tradicional existia essa divisão nas dimensões cognitivas e afetivas nos estudos da época¹, as razões disto eram muitas, mais para ele a principal razão foi o trabalho de Darwin (1872) chamado “A origem dos movimentos expressivos do homem”, onde se estabeleceu uma conexão geral entre as emoções do homem e as reações afetivas e instintivas que se podem apreciar no reino animal. Assim Vygotsky faz uma crítica às teorias psicológicas tradicionais segundo as quais: “as reações afetivas do homem são restos de sua existência animal, restos infinitamente debilitados em sua

¹ A época à que nos referimos abarca dos anos 1896 a 1934. Vygotsky morreu em 1934, por tuberculose, aos 37 anos. Apesar da vida curta, foi autor duma obra muito importante, junto com Alexander Luria e Alexei Leontiev, responsáveis pela disseminação dos textos de Vygotsky, muitos deles destruídos com a ascensão de Stálin ao Kremlin. Devido à censura soviética, seus trabalhos ganharam dimensão há pouco tempo, inclusive dentro da



manifestação exterior e desenvolvimento interno”. (p.81). Ele não concordou com essas teorias, pois as emoções passavam a ter um ultimo lugar, e esses estudos enfocados no aspecto biológico davam a sensação da morte paulatina de toda uma esfera da vida psíquica.

Na revisão da teoria de Vygotsky (1998), (2005), (2006), (2007) e (2009) buscou-se entender o papel da afetividade no funcionamento psicológico, embora a questão da afetividade não seja abordada como um item especifica na sua teoria, sim se destaca como uma constante no seu pensamento, pois ele destaca a importância das conexões cognitiva e afetiva no funcionamento psicológico do homem. Assim não há um significado explícito do conceito “afetividade”. Este aparece, às vezes, associado a emoções, sentimentos e desejo. Em geral, afetividade é um termo que se relaciona aos conceitos e funções de necessidade, interesse e inteligência. Na visão de Claparède, em Vygotsky (1998), ele estudou as reações com diversas soluções e isso o levou a dividir a vida afetiva em emoções e sentimentos.

Vygotsky (1998) chega à conclusão de que um dos principais problemas da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, na visão dele é preciso considerar uma união entre estes dois processos, assim ele diz,

A sua separação enquanto objetos de estudo é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de “pensamentos que pensam a si próprios”, dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa. Esse pensamento dissociado deve ser considerado tanto um epifenômeno sem significado, incapaz de modificar qualquer coisa na vida ou na conduta de uma pessoa, como alguma espécie de força primeva a exercer influência sobre a vida pessoal, de um modo misterioso e inexplicável. Assim fecham-se as portas à questão da causa e origem de nossos pensamentos, uma vez que a análise determinista exigira o esclarecimento das forças motrizes que dirigem o pensamento para esse ou aquele canal. Justamente por isso, a antiga abordagem impede qualquer estudo fecundo do processo inverso, ou seja, a influência do pensamento sobre o afeto e a volição. (VYGOTSKY, 2005, p. 9).

Outro autor que desenvolveu uma teoria psicogenética foi o francês Henri Wallon, quem participou como médico de batalhão durante a primeira guerra. Teve uma sólida formação em filosofia, medicina, psiquiatria e psicologia de aí percebesse seu interesse em estudar a conjunção dos aspectos orgânicos e sociais no desenvolvimento do ser humano. (MAHONEY e ALMEIDA, 2009)

Rússia. No Ocidente, a primeira tradução de um livro seu *Pensamento e Linguagem*, foi lançada em 1962



A teoria de Wallon consiste essencialmente num estudo do desenvolvimento da personalidade infantil. Na sua concepção a personalidade é

Uma construção progressiva, onde verifica-se a integração de dois funções principais: a afetividade, de um lado, ligada as sensibilidades internas e orientada ao mundo social, ou seja, a constituição da pessoa; a inteligência, por outro lado, ligada as sensibilidades externas e voltada ao mundo físico, ou seja à constituição do objeto. (WALLON, 1991, p. 16-17) (Tradução livre)

Wallon, ao igual que Vygotsky, deu muita importância ao aspecto social no desenvolvimento psicológico da pessoa, pois os primeiros contatos entre o sujeito e o ambiente são de ordem afetiva e constituem as emoções. (WALLON, 1974) Na teoria desenvolvida por Wallon procurou-se entender o desenvolvimento do conhecimento de si mesmo como um processo de construção social, intimamente relacionado com o conhecimento que elaboramos sobre outras pessoas e sobre o mundo social em que se destaca a importância das interações sociais e no qual, desde os primeiros momentos de vida, atribui-se um papel ativo à pessoa. (HIDALGO e PALACIOS, 2004)

Depois de analisar a teoria de Wallon, Dantas (1992), define a afetividade dizendo que

Não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. A sua diferenciação logo se inicia, mas a reciprocidade entre os dois desenvolvimentos se mantém de tal forma que as aquisições de cada uma repercutem sobre a outra permanentemente. Ao longo do trajeto, elas alternam preponderâncias, e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário à exploração da realidade. (DANTAS, 1992, p. 90)

Como exposto anteriormente acostumava-se estudar as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico isoladamente, isso mesmo aconteceu com as dimensões afetivas e emocionais da aprendizagem, as quais ocuparam um lugar secundário nas pesquisas psicoeducacionais, Miras (2004) afirma que existe um aumento progressivo de estudos teóricos e empíricos que voltam a ressignificar os processos educacionais como processos que envolvem as pessoas em todas as suas dimensões e capacidades, tanto no plano intrapessoal como no interpessoal. (p.2010)

nos Estados Unidos. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lev_Vygotsky.



No análise feito pelo Coll (1999), procura relacionar a teoria de Vygotsky com a educação. Ele admite o caráter determinante que, na ótica de Vygotsky, a interação com outras pessoas possui no desenvolvimento psicológico. Assim ele explica que o desenvolvimento psicológico não se pode explicar somente por fatores de caráter biológico e sim pela conjunção destes com os fatores de caráter social, uma vez que a criança vive em grupos sociais onde aprende “dos outros e com os outros” (p.109) Esses “outros” não são objetos passivos ou simples espectadores, mais companheiros ativos que ajudam, orientam, planejam, regulam, assistem, etc., o comportamento da criança, como agentes ativos do desenvolvimento. (p.109)

Todo o processo educativo tem uma estrita explicação psicológica. Não podemos mais conceber a criança recém-nascida como uma *tabula rasa*, como uma folha de papel em branco, na qual a educação pode escrever tudo o que queira. (VYGOTSKY, 1998, p. 172)

“Incrementar a soma de felicidade e reduzir a de sofrimento dos seres humanos que vivem e que podem vir ao mundo” é uma fórmula que o professor não pode satisfazer. Precisa saber com exatidão como deve ser levada a cabo para orientar toda a educação nessa direção. Mas estas palavras, assim como os “ideais da atividade, da honra, do dever, do amor e da obediência”, naturalmente são ideais um tanto hipócritas e outro tanto sinceros da sociedade burguesa. Com eles não se pode, evidentemente, equipar o professor. (VYGOTSKY, 1998, p. 176)

Para Vygotsky o meio exerce uma influência muito importante na educação e o professor tem que deixar de atuar como o “carregador” do processo educativo e sim desempenhar o papel de organizá-lo e dirigi-lo.

Fazendo uma alusão aos preceitos da psicologia histórico-cultural, tem-se o ensino como um processo colaborativo entre educador y criança, em que o papel do professor é atuar como mediador, reunindo conhecimentos e estratégias pedagógicas imprescindíveis ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores, e o papel do aluno, por sua vez, é o de participar ativamente desse processo, a fim de realizar sozinho o que, em um primeiro momento, é possível apenas com a ajuda do professor (VYGOTSKY, 2009)

Assim percebemos que a afetividade na educação vem sendo estudada e considerada como um dos fatores a ser desenvolvido nas relações aluno/professor e aluno/aluno, pois é através das interações sociais que se constrói a aprendizagem. Também se encontrou que a maioria dos estudos consultados discorrem da afetividade na educação tradicional, sobretudo no ensino básico. Ainda é escasso o material que fala da afetividade no ensino na modalidade a distância alguns estudos, como o de Alcalá (2012) estudaram as manifestações de afetividade



mediante a comunicação escrita entre professores e alunos. É em base nisto que se considera oportuno a realização do presente estudo pois ainda faltam muitos estudos na educação a distancia, a qual vem apresentando um desafio metodológico e pedagógico para professores e alunos (PRENSKY, 2004)

1. AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

874

1.1. Conceituando a Educação a distância

Na diversidade de autores consultados, percebe-se a pluralidade de concepções que de educação a distância cada um deles tem. Todas baseadas nas particularidades de suas práticas e reflexões. Segundo Moran (2002), a Educação a Distância (EaD) “é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente”. (p.1)

A educação a distância (EAD) é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, no qual professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Na EAD os espaços físicos são substituídos por espaços virtuais apresentados na forma de ambientes virtuais de aprendizagem, que fornecem ferramentas para mediar o processo educacional. (MÜLBERT, GIRONDI, *et al.*, 2011)

Simonson *et al* (2012) acreditam que definir a educação a distância não é uma tarefa fácil, pois distância tem múltiplos significados, assim se pode falar de distância espacial, distância temporal até distância intelectual. A educação tradicional tem lugar ao mesmo tempo e no mesmo lugar onde comumente o professor é a peça central. Segundo Simonson *et al* (2012) afirmam que a forma mais pura de educação a distância é aquela que ocorre em diferente tempo e diferente lugar, assim o aluno tem a liberdade de eleger onde é quando querem aprender e acessar aos matérias instrucionais proporcionados com esse objetivo. Recentemente os cursos via *web* tem sido oferecidos para alunos em qualquer lugar em que tenham acesso e em qualquer tempo que eles escolher.

Em 2009 a *Encyclopaedia Britannica Book of the Year* (in Simonson *et al.*2012) explicou e definiu a educação a distância, onde quatro características são as que definem a educação a distância, a primeira refere-se a que a educação a distância tem uma base institucional e é isso o que a diferencia do estudo independente. A segunda característica



refere-se à separação espacial e temporal entre aluno e professor a qual pode ser síncrona ou assíncrona, (esses termos serão abordados adiante) outra separação entre aluno e professor é aquela que supõe que o professor tem maior domínio dos conceitos, e é essa a separação que a EaD tem como objetivo diminuir. A terceira remete as telecomunicações interativas, pois estas conectam aos alunos entre eles e com o professor e a interatividade é vista como essencial em qualquer tipo de educação. Por último, a quarta característica refere-se a aqueles instrumentos por meio dos quais o aluno acessa ao conteúdo do ensino, segundo esta idéia, cabe aos *designers* de mídia interativa, criar recursos que promovam experiências que possam ser observadas, sentidas, escutadas ou completadas no processo de aprendizagem.

Na concepção de Tori (2010) “educação a distância” é uma expressão que dá destaque ao problema e não à solução. Além disso, o conceito de ensinar a distância (e “apesar” dela) em contraposição à tradicional educação presencial cria desnecessariamente antagonismo e, ironicamente, distanciamento entre pesquisas focadas em atividades de aprendizagem presenciais e aquelas que se especializam na educação virtual. (p. 19)

A EaD, na perspectiva da maioria dos autores consultados, envolve uma ideologia que propõe uma maior democratização de acesso à educação, pois apresenta maiores oportunidades de acesso a educação para aquelas pessoas que por questões econômicas e/ou geográficas não tem acesso à mesma. Segundo Neder, (2009) A educação a distância é uma realidade e, sobretudo, uma resposta pragmática a necessidades concretas. Através dela, pode-se fazer educação de massa, aumentar a acessibilidade aos estudos, favorecer a autonomia do estudante, assegurar uma formação de qualidade. (p.98)

Nesta ordem de idéias percebe-se uma reestruturação da educação a distância graças a implementação das novas tecnologias que estão em constante evolução, assim as tecnologias na educação do futuro também se multiplicarão e se integrarão se tornarão mais e mais audiovisuais, instantâneas e abrangentes. Caminhamos para formas fáceis de vermo-nos, ouvirmo-nos, falarmos-nos, escrevermo-nos a qualquer momento, de qualquer lugar, a custos progressivamente menores. Com as tecnologias cada vez mais rápidas e integradas, o conceito de presença e distância se altera profundamente e as formas de ensinar e aprender também. (MORAN, 2004)

Martins (2008) considera a EaD como uma modalidade alternativa de educação devido a crescente demanda e a necessidade de profissionais qualificados e ao fato de que o ensino presencial apresenta limitações de matrículas devido ao crescimento demográfico, segundo a



autora, a EaD não deve ser pensada como um sistema fechado e sim como um marco de emancipação coletiva que oferece possibilidades inovadoras e influi em amplos setores da vida do ser humano e precisa ser refletida como outras praticas sociais e políticas em diferentes contextos históricos, socioeconômicos e culturais.

1.2. Webconferência multimodal e multimídia

A ferramenta webconferência é definida por Franco et al. (2011), onde segundo as autoras, demanda um computador com, no mínimo, alto-falantes, um microfone e uma conexão de internet de boa a alta qualidade. Mas o sistema praticamente se completa com uma webcam e um fone de ouvido. Assim como a videoconferência, permite a comunicação em duas vias, quando o professor é visto e ouvido pelos alunos e vice-versa. Nessa mídia, pode-se permitir a visualização de todas as imagens capturadas pelas webcams ou apenas de alguma(s) dela(s), considerada(s) prioritária(s) para não tornar o sistema lento para todos. Há recursos para várias janelas interagindo ao mesmo tempo, como por exemplo, para um chat, uma apresentação tipo PowerPoint ou da tela do apresentador, as imagens capturadas com as webcams, som, editores coletivos, etc. Há, ainda, uma tela para se controlar quem deve falar em determinado tempo, etc. é outra mídia que também se aproxima de uma sala de aula tradicional, pois também permite a interação entre professor e alunos em tempo real. (p.34)

A aula por webconferência síncrona oferece uma série de ferramentas para possibilitar a interação multidirecional, assim favorece o sentimento de empatia e faz com que a experiência nesse tipo de aula seja mais enriquecedora, mas também possui uma série de limitações em comparação com uma sala de aula convencional, podendo ser mais cansativa e menos variada em termos de estímulos sensoriais para o aluno. (DOTTA, 2014)

Neste sentido, a construção de um ambiente virtual de aprendizagem, precisa privilegiar o sentimento de pertencimento nos alunos, necessário a um contexto cooperativo e colaborativo, não só no sentido professor-aluno, mas também na interação entre os mesmos alunos. Este ambiente deve privilegiar um efetivo conhecimento entre estas pessoas, que resulte em desenvolvimento de afinidades, o que atenuará dificuldades inerentes à aprendizagem na modalidade a distância.



O uso da webconferência em cursos a distância justifica-se pela necessidade de se fazer uma transição de cursos centrados em conteúdos para cursos centrados no diálogo. A presença síncrona de professores e alunos favorece a sensação de pertencimento ao grupo, promovendo o engajamento do aluno. (DOTTA, 2014)

Até o momento tem se realizado o análises teórico, onde conceituamos a afetividade e a educação a distancia, esta pesquisa ainda se encontra em fase de desenvolvimento, estão se analisando as Webconferências síncronas gravadas com alunos, professores e tutores ligados à Universidade Federal do ABC. Pretende-se realizar o análises das mesmas e fazer questionários e entrevistas aos envolvidos para assim determinar as manifestações de afetividade o a falta das mesmas. Isso com a finalidade de chegar a conhecer melhor as necessidades dos alunos e também explorar dita ferramenta, pois apresentam um sem numero de vantagens para a EaD, acredita-se que com este estudo, num futuro poderá desenvolver se uma metodologia pedagógica para o melhor aproveitamento da webconferência.

3 REFERÊNCIAS

ALCALÁ, M. D. S. P. **Afectos, aprendizaje y virtualidad**. Guadalajara: UDG Virtual, 2012.

AZEVEDO, A. B. D. Projetos pedagógicos em EaD- da concepção à prática diferenciada. In: SATHLER, L.; JOSGRILBERG, F.; AZEVEDO, A. B. D. **Educação a distância: uma trajetória colaborativa**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 27-45.

BRASIL. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf> Acesso em: 10 Julho 2014.

BREARLEY, M. **Inteligência emocional na sala de aula. Estratégias de aprendizado criativo para alunos entre 11 e 18 anos de idade**. Tradução de Getúlio Elias Schanoski Júnior. São Paulo: Madras, 2004.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

COLL, C. (). **Psicologia da educação**. Tradução de Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artmed, 1999.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y. D.; OLIVEIRA, M. K. D.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon. Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-98.



DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. D. M. R. D. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 2010.

DOTTA, S. C. **Aprendizagem dialógica em serviços de tutoria pela internet**: estudo de caso de uma tutora em formação em uma disciplina a distância. São Paulo: Tese de doutorado - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo., 2009.

DOTTA, S. C. **CURSO: USO DE WEBCONFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**. [S.l.]: [s.n.], 2014.

FELDER, R. M. **Learning styles**. [S.l.]: [s.n.], 2002. Disponível em: http://www.ncsu.edu/felderpublic/Learning_Styles.html Acesso em: 15 Julho 2014.

FRANCO, L. R. H. R.; BRAGA, D. B.; RODRIGUES, A. **EaD virtual**: entre teoria e prática. São Paulo: Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011.

HIDALGO, V.; PALACIOS, J. Desenvolvimento da personalidade entre os dois e os sete anos. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia evolutiva**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Segunda. ed. Porto Alegre: Artmed, v. I, 2004. Cap. 9, p. 181-198.

JONASSEN, D. O uso das novas tecnologias na educação a distância e aprendizagem construtiva.. **Em Aberto**, Brasília, v. 16, n. 70, p. 70-88, Abril/Junio 1996.

LA TAILLE, Y. D.; DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. D. **Piaget, Vygotsky e Wallon. Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. D. (.). **Henri Wallon. Psicologia e Educação**. 9ª. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MARCHAND, M. **La afectividad del educador, factor de eficiencia**. Tradução de Ricardo Nassif. Buenos Aires: Kapelusz, 1960.

MARTINS, O. B. A formação de professores em educação a distância: oa desafios de uma travessia. **Revista Intersaberes**, v. ano3, n. 6, p. 134-140, jul-dez 2008.

MIRAS, M. Afetos, emoções, atribuições e expectativas: o sentido da aprendizagem escolar. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia da educação escolar**. Segunda. ed. Porto Alegre: Artmed, v. II, 2004. Cap. 12, p. 209-222.

MONEREO, C.; POZO, J. I. O aluno em ambientes virtuais:Condições, perfil e competências. In: COLL, C.; MONERERO, C. E. C. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Tradução de Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 97-117.

MORAN, J. M. **O que é educação a distância**. CEAD: Centro de educação a distância. Rio de



Janeiro, p. 1-3. 2002. (5). Disponível em:
<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf> Acesso em: 03/11/2014.

MORAN, J. M. Perspectivas (virtuais) para a educação. **Mundo Virtual**, Rio de Janeiro, v. Cadernos Adenauer IV, n. 6, p. 31-45, Abril 2004. Disponível em:
www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/futuro.pdf Acesso em: 03/11/2014.

MÜLBERT, A. L. et al. A interação em ambientes virtuais de aprendizagem: motivações e interesses dos alunos. **RENOTE: Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 9, n. 1, p. 1-10, Julho 2011.

NEDER, M. L. C. **A formação do professor a distância: desafios e inovações na direção de uma prática transformadora**. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

OLIVEIRA, MARTHA KOHL DE. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Y. D.; OLIVEIRA, M. K. D.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon. Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-84.

ORTIZ, M. J.; FUENTES, M. J.; LÓPEZ, F. Desenvolvimento socioafetivo na primeira infância. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia evolutiva**. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Segunda. ed. Porto Alegre: Artmed, v. I, 2004. Cap. 5, p. 105-123.

PANSARELLI, D. Filosofia do ensino a distância: reflexão a partir da prática. In: SATHLER, L.; JOSGRILBERG, F.; AZEVEDO, A. B. D. **Educação a distância: uma trajetória colaborativa**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 121-140.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PRENSKY, M. The Emerging Online Life of the Digital Native: what they do differently because of technology, and how they do it, 2004. Disponível em:
<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky-The_Emerging_Online_Life_of_the_Digital_Native-03.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2014.

PRETI, O. Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada." Educação a distância: inícios e indícios de um percurso". **NEAD/IE/UFMT**, Cuiabá, p. 15-56, 1996.

SIMONSON, M. et al. **Teaching and learning at a distance: foundations of distance education**. 5. ed. Boston: Pearson Educacion, 2012.

TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Senac, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução de Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. José Cipolla Neto. 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2006.

WALLON, H. **Fundamentos dialécticos de la psicología.** Tradução de Élide DARÓ e Dora DOUTHAT. Buenos Aires: Editorial Proteo, 1965.

WALLON, H. **La evolución psicológica del niño.** Tradução de Mario Miranda Pacheco. México, D.F.: Grijalbo, 1974.

WALLON, H. **La Vida Mental.** Tradução de Octavi Pellissa. México, D.F.: Grijalbo, 1991.